

A man with dark hair and a mustache, wearing a light-colored, short-sleeved button-down shirt and dark trousers, stands in front of a wall made of vertical wooden planks. The lighting is dramatic, with strong shadows. The text 'CHIICO MENDES' is overlaid on the right side of the image in a large, white, distressed font.

CHIICO MENDES

HERÓI DO
BRASIL

An aerial photograph of a vast, dense tropical rainforest. A wide, winding river with a muddy brown color flows through the center of the forest, creating several meanders. The forest canopy is a rich, vibrant green, with individual trees and their crowns visible from above. The lighting is bright, suggesting a sunny day.

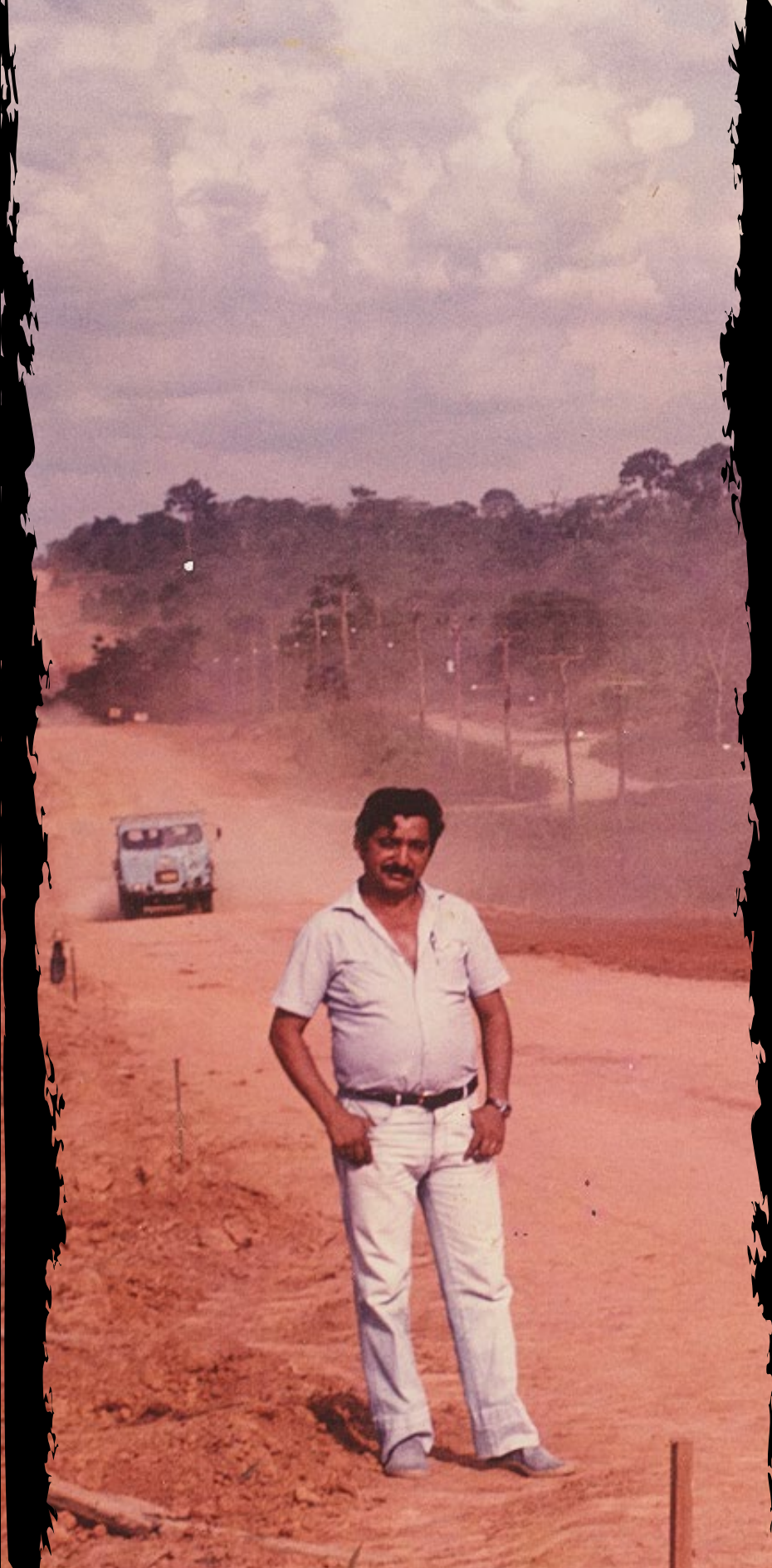
UMA MEMÓRIA A HONRAR.

UM LEGADO A DEFENDER.

CHICO MENDES VIVE!

15/12/1944 – 22/12/1988

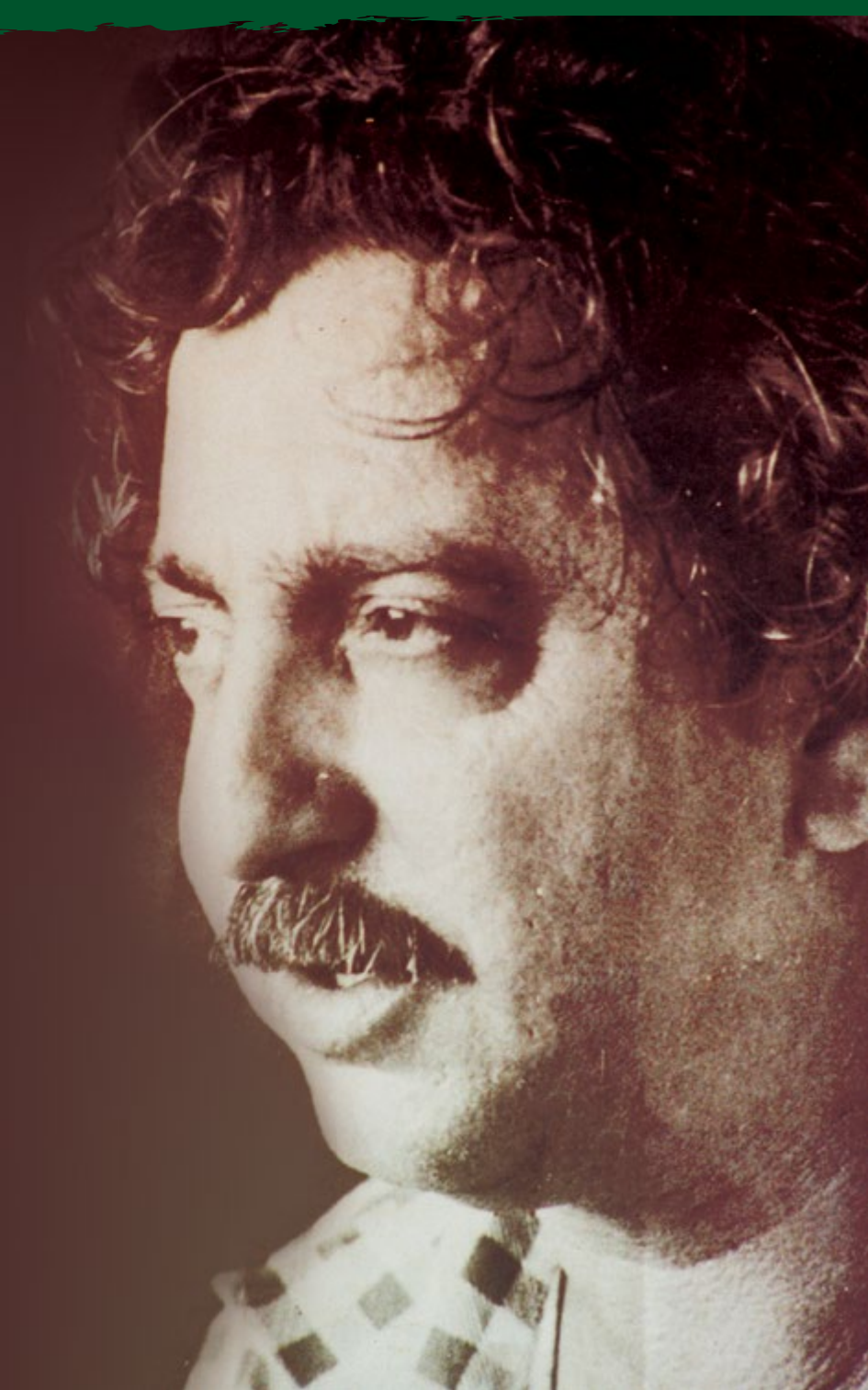
Francisco Alves Mendes Filho, sindicalista e ambientalista nascido no Seringal Porto Rico, Xapuri, Acre. Seringueiro como o pai, começou a cortar seringa aos nove anos de idade. Mobilizou o Brasil e o mundo em defesa da Amazônia e de seus povos. Ao juntar a defesa de direitos com a defesa da floresta, criou um novo estilo de sindicalismo e um novo paradigma para a luta socioambiental no Brasil. Foi assassinado pelo latifúndio na porta da cozinha de sua casa, em Xapuri. Atacado por Darci, filho do fazendeiro Darly Alves da Silva, mandante do crime, foi atingido no peito por 42 grãos de chumbo de uma espingarda de caça. No ano 2000, graças a uma enorme pressão nacional e internacional, os assassinos de Chico Mendes foram julgados e condenados, num dos primeiros casos onde a justiça foi feita no Brasil. Daquela vez, a morte de um trabalhador rural gerou consequência. Ou, como diz o escritor Zuenir Ventura, “nunca um tiro dado no Brasil ecoou tão longe”.



“Parabéns a todos vocês. É isso aí companheiros, hoje a luta é de todos nós.”

Chico Mendes

A Exposição “**Chico Mendes Herói do Brasil**” é uma iniciativa do Sindicato dos Professores do Distrito Federal – Sinpro/DF e do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Xapuri, STTR-Xapuri, em parceria com o Conselho Nacional das Populações Extrativistas - CNS, o Memorial Chico Mendes e a Revista Xapuri Socioambiental, para honrar a memória e defender o legado de Chico Mendes nos 30 anos de sua ausência física dos espaços deste mundo. A exposição será mantida, em caráter permanente, aberta ao público no Espaço Educador Chico Mendes, na Chácara do Professor, em Brasília, Distrito Federal, e também em Xapuri, no Acre, no sede do STTR-Xapuri. Dessa forma, os povos da educação no coração do Planalto Central se somam aos povos extrativistas, herdeiros de Chico Mendes, na vastidão da floresta amazônica, no mesmo compromisso de disseminação dos ideais de Chico Mendes para as gerações presentes e futuras.



CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL

Chico Mendes talvez nem soubesse o que queria dizer ecologia e muito menos holocausto ecológico quando começou sua romaria para organizar os seringueiros. Primeiro, nos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e, mais tarde, para criar o PT.

Nessas caminhadas pela floresta, ele acabou juntando numa só bandeira a luta ecológica, a luta sindical e a luta partidária, porque sabia que elas são indissociáveis: uma alimenta a outra no mesmo ciclo de vida na natureza. E, feito inimaginável naquele tempo, para defender as mesmas lutas, sob a mesma bandeira, Chico liderou a união de índios, ribeirinhos, seringueiros, pescadores, quilombolas e agroextrativistas na grande Aliança dos Povos da Floresta.

Quando estive em Xapuri, no Acre, para ajudar na campanha do Chico a prefeito, em 1985, a barra já estava pesando. Os latifundiários do Centro-Sul do Brasil, que tinham invadido a região, não escondiam de ninguém que ele estava marcado para morrer. Logo o Chico, que foi um dos mais apaixonados defensores da vida que já conheci, homem tão puro e tão limpo como a água da chuva da

mata, que foi sua companheira incomparável.

É em memória de todos os companheiros e companheiras que, como o Chico, tombaram em defesa da terra, da floresta e da vida, que seguimos lutando para implantar no Brasil as políticas públicas sonhadas por ele. Políticas públicas voltadas para a construção de um modelo de desenvolvimento capaz de gerar riquezas para o país e para os povos da floresta e, ao mesmo tempo, preservar a nossa Amazônia, para as gerações presentes e futuras.

Lá num cantinho do céu, Chico hoje deve estar feliz por saber que, nesses últimos 30 anos, nem nós esmorecemos, nem seu trabalho deixou de ser multiplicado por esse Brasil afora. Nós hoje temos um Acre melhor, uma Amazônia melhor e um Brasil melhor.

Como companheiro, celebro as vitórias alcançadas por todos nós a partir dos empates de Xapuri. Como brasileiro, celebro Chico Mendes, herói do Brasil, por continuar servindo de norte para a nossa luta por dias ainda melhores para todos nós e, especialmente, para os povos da floresta.

Luiz Inácio Lula da Silva - Ex-Presidente do Brasil.

“NO COMEÇO PENSEI QUE ESTIVESSE
LUTANDO PARA SALVAR SERINGUEIRAS, (...)”

(...) DEPOIS PENSEI QUE ESTAVA LUTANDO PARA
SALVAR A FLORESTA AMAZÔNICA. AGORA, PERCEBO
QUE ESTOU LUTANDO PELA HUMANIDADE.”

VALDIZA ALENCAR – A MULHER DO SINDICATO

Valdiza Alencar de Souza nasceu em Sena Madureira em 20/09/1938. Depois de casada, aos quinze anos, foi morar em um seringal do rio Iaco e, alguns anos depois, se mudou para o Seringal Sacado, em Brasiléia. Quando a expansão da fronteira agropecuária promovida pela Ditadura Militar chegou à região, logo começaram as ameaças contra a família de Valdiza, como já estava acontecendo com centenas de famílias, e ela decidiu ir atrás de seus direitos. Por isso, foi na casa da Dona Valdiza que aconteceu a primeira reunião entre seringueiros e Contag no Alto Acre, quando se decidiu a criação do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Brasiléia, liderado por Wilson Pinheiro. Esse foi o primeiro Sindicato a ser efetivamente criado no Acre e deu início à luta e aos empates contra o desmatamento. Desde então a corajosa e determinada Valdiza passou a ser conhecida como “a mulher do sindicato”.



Reunião na casa da Sra. Valdizia, para a escolha da data de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasiléia, 1975.

O SINDICATO DE XAPURI

Chico e seus companheiros fundaram, em 1977, O Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri para se unir aos outros sete sindicatos criados nesse período e fortalecer a organização e mobilização dos extrativistas amazônicos no enfrentamento aos latifundiários. E desde o início de sua existência teve papel fundamental para a luta dos seringueiros. Foi a partir do sindicato que, por exemplo, Chico Mendes foi eleito vereador de Xapuri e transformou a Câmara Municipal num fórum de debates entre lideranças religiosas, sindicais e populares, quando passou a receber as primeiras ameaças de morte. Era preciso, então, construir uma sede para o Sindicato. Para tanto foram Chico, Júlio Barbosa e Sabá Marinho pedir a Dom Moacyr Grechi a doação de um terreno ao lado

da Igreja matriz de São Sebastião e foram atendidos. Com a colaboração de muitos, como do Abrahim Farhat (Lhé) que doou todo o material hidráulico, foi construída uma sede grande. Chico gostava que todos se sentissem em casa, só não tinha cama, mas isso nem era costume dos seringueiros mesmo. Assim o Sindicato se tornou o lugar do encontro e reunião da seringueirada, vivia sempre aberto e cheio de gente. Foi assim que o renomeado Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Xapuri se fortaleceu e sobreviveu aos assassinatos de seus líderes e integrantes, nos violentos anos 80, e segue até hoje como referência fundamental na defesa das conquistas e vitórias dos povos tradicionais da floresta amazônica.





O ingresso no movimento sindical veio junto com a luta dos seringueiros e posseiros para ficar em suas terras, ameaçadas pela chegada à região dos criadores de gado vindos do sul do País, em um movimento que resultou na formação dos primeiros sindicatos no Acre. Ajudou a criar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, em 1975, e o de Xapuri, em 1977. Com o assassinato do presidente do STR de Brasileia, Wilson Pinheiro, em 1980, Chico Mendes assumiu a liderança do movimento e deslocou o núcleo da ação sindical para Xapuri. Em 1983, foi eleito presidente do Sindicato de Xapuri, cargo em que permaneceu até o dia do seu assassinato.

MILITÂNCIA PARTIDÁRIA

Por um tempo, Chico Mendes militou clandestinamente no Partido Revolucionário Comunista (PRC). Em 1977, elegeu-se vereador pelo MDB, único partido de oposição permitido pela ditadura [1964-1985]. Mas, segundo o seringueiro Elias Rosendo, também sindicalista à época, “ele não gostava do MDB, ele queria mesmo era seguir o Lula e fazer um partido dos trabalhadores. Então, em 1980, ele foi pra São Paulo, lá fundaram o PT, e ele voltou pro Acre dizendo que era pra todo mundo somar força no PT, e nós juntamos com ele e fizemos o PT.”



PROJETO SERINGUEIRO

Chico Mendes foi, pelo exemplo, um grande educador, e pela prática, um grande incentivador da Educação. Foi sob sua inspiração e com a ajuda da antropóloga Mary Allegretti que se organizou o Projeto Seringueiro e, por meio dele, a primeira escola para seringueiros na Amazônia, em 1981. Denominada Wilson Pinheiro, a escola foi construída na colocação “Já Com Fome”, no seringal Nazaré, hoje Reserva Extrativista Chico Mendes, e começou a funcionar com 14

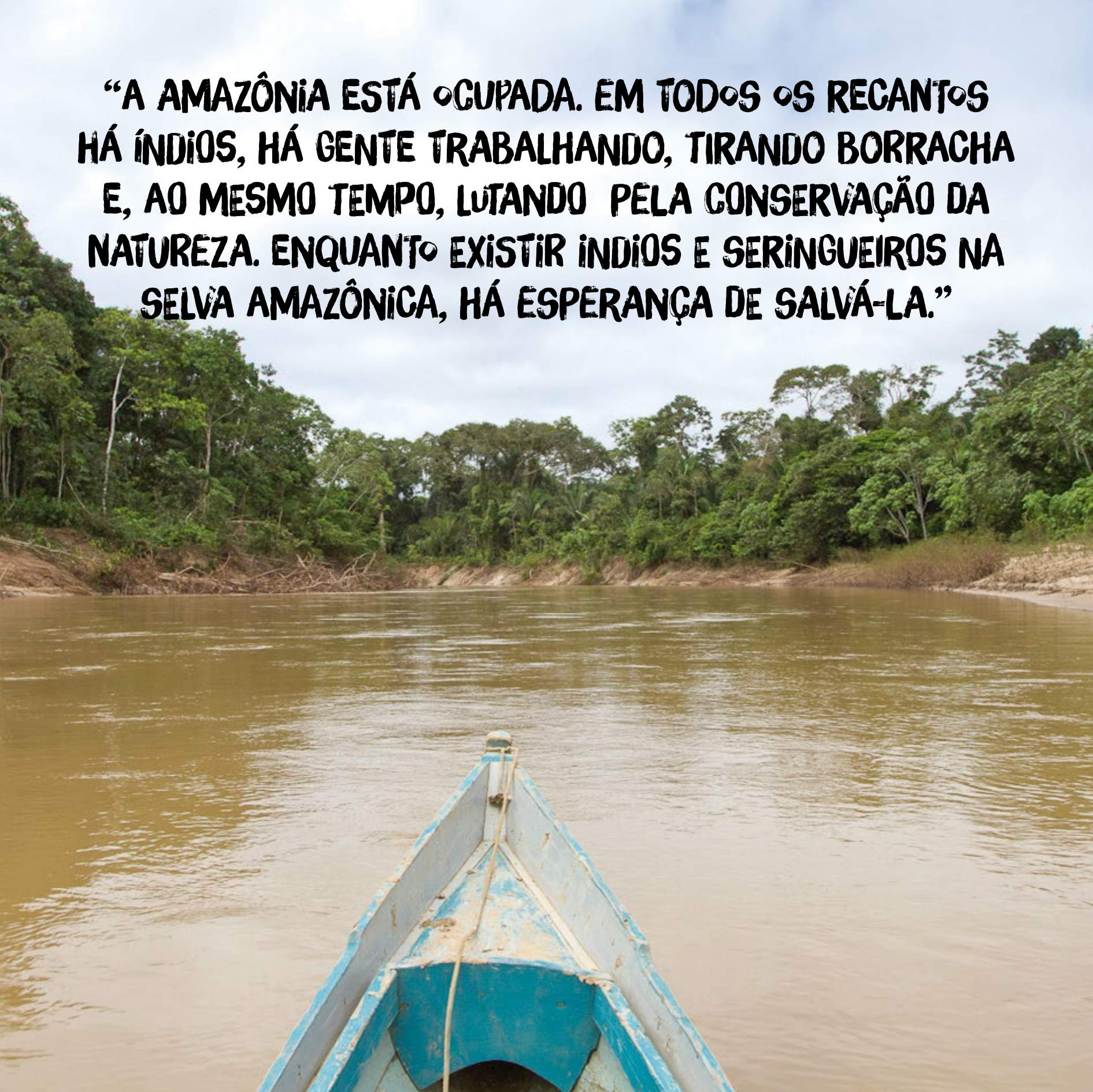
alunos, todos adultos. Ainda na década de oitenta o projeto contou com a coordenação da ONG acreana Centro dos Trabalhadores da Amazônia [CTA] e, mais tarde, no início da década de 1990, se tornou política oficial de ensino do governo do Acre. O Projeto Seringueiro, apoiado por um grupo de técnicos e educadores com incentivo de Chico Mendes, já havia estabelecido uma rede com 51 escolas, atendendo mais de mil crianças nos seringais.

EMPATE

Método de resistência pacífica criado pelos seringueiros para impedir o desmatamento dos seringais na década de 70, quando os fazendeiros chegavam com motosserras para derrubar a floresta e nela implantar pastagens para a criação de gado. Os enfrentamentos contavam com o papel fundamental das mulheres, que traziam as crianças para se juntar aos homens na linha de frente, quando confrontavam os peões, interrompendo o desmatamento para negociar ou exigir a presença das autoridades. De março de 1976 até 1988, há registros de que os seringueiros promoveram 45 empates, dos quais o movimento contabilizou 30 derrotas e 15 vitórias.



“A AMAZÔNIA ESTÁ OCUPADA. EM TODOS OS RECANTOS HÁ ÍNDIOS, HÁ GENTE TRABALHANDO, TIRANDO BORRACHA E, AO MESMO TEMPO, LUTANDO PELA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA. ENQUANTO EXISTIR ÍNDIOS E SERINGUEIROS NA SELVA AMAZÔNICA, HÁ ESPERANÇA DE SALVÁ-LA.”



ALIANÇA DOS POVOS DA FLORESTA

A Aliança dos Povos da Floresta foi um movimento especial e único que, sob a liderança visionária de Chico Mendes, pela primeira vez na história, no ano de 1987, conseguiu juntar em uma só luta os povos

indígenas e as comunidades extrativistas da Amazônia, em defesa de todos os povos da floresta. Chico conseguiu desfazer uma inimizade histórica entre índios e seringueiros, permitindo, assim, a formação da Aliança. Ailton Krenak, importante parceiro de Chico Mendes na construção da Aliança, atribui boa parte desse sucesso “à presença do Chico Mendes como uma pessoa da paz e do diálogo”. Para Krenak, aquele apelo tão forte e tão mobilizador da Aliança vinha, sobretudo da capacidade articuladora de Chico Mendes, que foi capaz de organizar o emaranhado de sonhos dos povos da Amazônia em uma utopia que, ainda hoje, persiste e guia os passos das lideranças da floresta.



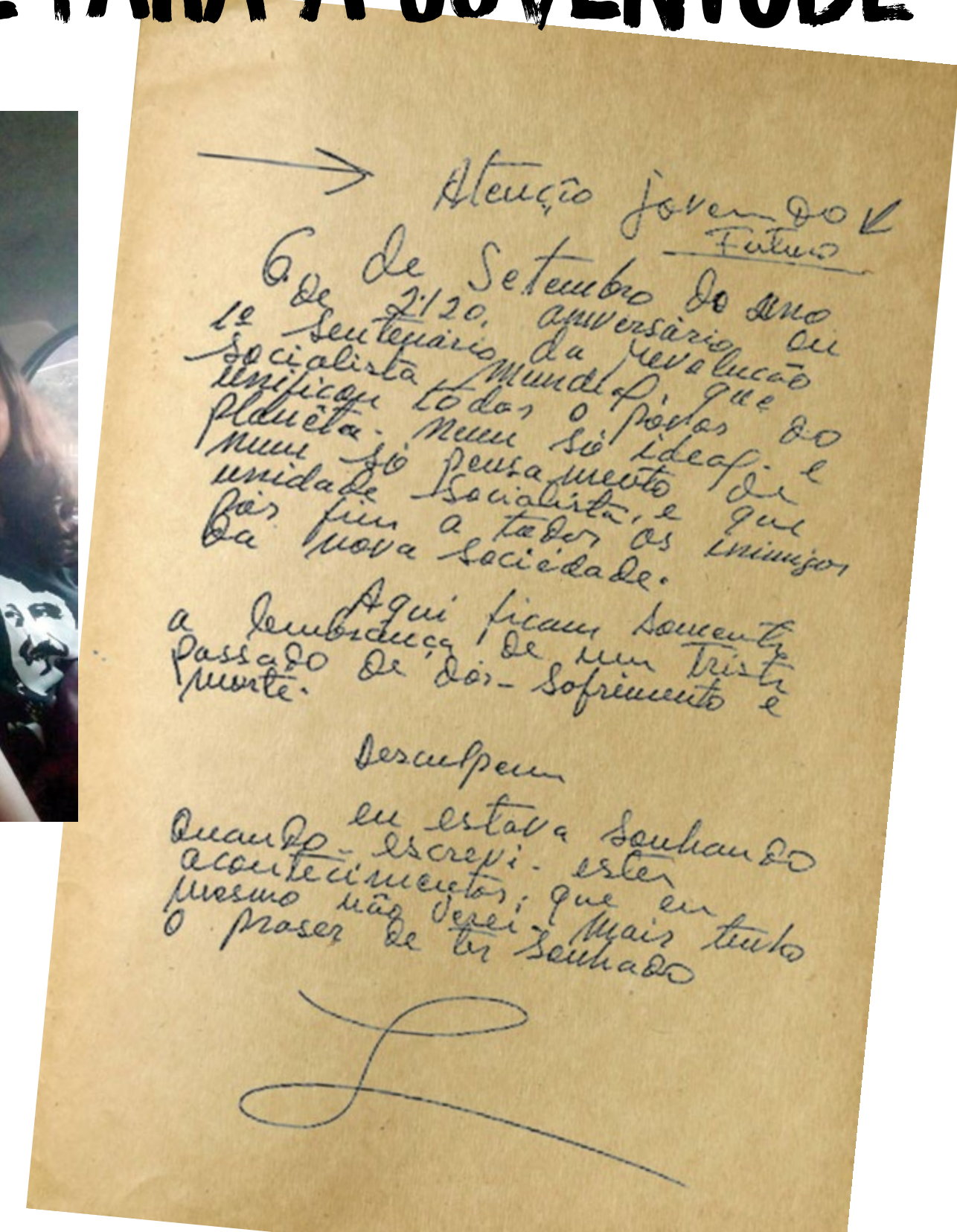
CONSELHO NACIONAL DOS SERINGUEIROS



Nascido durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado em Brasília em outubro de 1985, ao longo dessas três décadas, o CNS se fortaleceu como entidade de defesa dos direitos dos e das trabalhadores/as agroextrativistas organizados em associações, cooperativas e sindicatos, distribuídos por to-

dos os estados da Amazônia. Em 2009, o 8º Encontro Nacional das Populações Extrativistas da Amazônia, realizado em Belém, aprovou a mudança do nome original da entidade – Conselho Nacional dos Seringueiros – para Conselho Nacional das Populações Extrativistas, mantendo a mesma sigla, CNS.

BILHETE PARA A JUVENTUDE



→ Atenção jovem do
Futuro
6 de Setembro do ano
de 2020, aniversário de
20 anos da Revolução
Socialista Mundial, que
significa todos os povos do
planeta. Não se trata de
uma ideia, mas sim de
unidade socialista, e que
faz com a tarefa dos amigos
da nova sociedade.

Aqui ficam lembranças
passado de um triste
sucesso de dor, sofrimento e

Desculpem

Quando eu estava sabendo
aconteceram, que eu
mesmo não sei, mas tenho
o prazer de ter conhecido

L

REPERCUSSÃO INTERNACIONAL EM DEFESA DA AMAZÔNIA

Durante muitos anos Wilson Pinheiro, Chico Mendes e a seringueirada lutaram sozinhos contra os desmandos da Ditadura Militar, contra o poder judiciário e a polícia que defendiam os interesses dos “novos donos da terra”, contra a mídia brasileira, etc. Foi necessário que Chico conquistasse a atenção internacional para que esse desequilíbrio de forças fosse quebrado.

Em 1987, graças às articulações de Mary Alegretti e Adrian Cowel, Chico Mendes foi convidado a participar de reuniões com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com a Organização das Nações Unidas (ONU) para falar sobre a devastação da Amazônia que estava em curso. Sua fala teve grande repercussão e saíram várias matérias na imprensa internacional. Isso motivou convite para falar no Senado norte-americano que, em seguida, fez várias recomendações aos bancos financiadores sobre as obras do governo brasileiro. Uma comissão da ONU foi a Xapuri e constatou in loco as denúncias feitas por Chico. Por isso, ainda em 1987, Chico Mendes recebeu da ONU o Prêmio Global 500, de Preservação Ambiental.

Só depois disso a imprensa brasileira e o movi-

mento ambientalista reconheceram a luta que estava sendo travada pelos seringueiros liderados por Chico. Mas, se isso fortaleceu a luta dos povos da floresta, também aumentou ainda mais as ameaças contra a vida do Chico, que pouco mais de um ano depois, no fim de 1988, foram concretizadas em seu assassinato.



Chico Mendes e grupo de senhores na solenidade de entrega do prêmio - Sociedade Para Um Mundo Melhor, Washington, 21 de setembro 1987



Chico Mendes recebendo o prêmio Sociedade Para Um Mundo Melhor, Washington, 21 de setembro de 1987



Chico Mendes em reunião com representantes do BIRD, Washington, 1988

MÁRTIRES DA LUTA

Nesses 30 anos, desde o assassinato de Chico Mendes, persiste a violência e os assassinatos de ambientalistas em defesa da Amazônia e de trabalhadores em conflitos no campo. Dados da Comissão Pastoral da Terra – CPT, mostram que em 2017 ocorreram ao menos 70 mortes violentas, o maior número desde 2003, com um crescimento de 15% sobre o ano de 2016.

Segundo a CPT, além dos ataques violentos, que deixaram camponeses gravemente feridos ou mutilados, o ano de 2017 trouxe de volta os massacres: foram quatro, ocorridos na Bahia, Mato Grosso, Pará e Rondônia, além da suspeita de um quinto no Amazonas.

Dos 70 assassinatos documentados, 28 [40%] ocorreram em massacres. Desde 1985, foram 46 massacres, com 220 vítimas. Por falta de informações, a lista não inclui o possível massacre do Vale do Javari, no Amazonas, em julho e agosto, envolvendo indígenas isolados conhecidos como “índios flecheiros”.

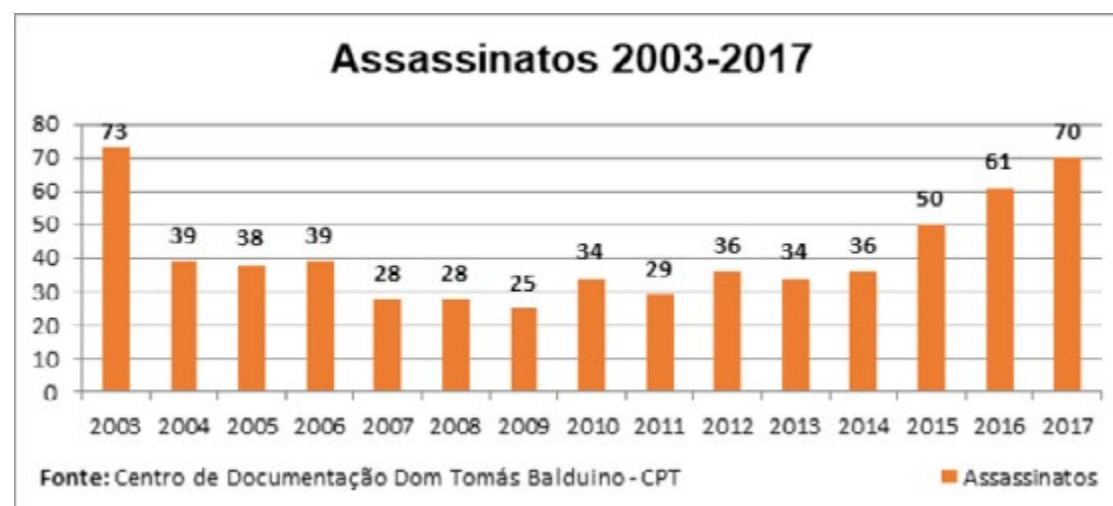
Também de 1985 a 2017, a CPT registrou 1.438 casos de conflitos no campo, que resultaram em 1.904 vítimas. Apenas 113 [8%] foram julgados, com 31 mandantes e 94 executores condenados. Dos 1.438 casos, 658 ocorreram na região Norte, que tem 970 vítimas. Apenas no Pará, são 466 e 702, respectivamente. Depois vêm o Maranhão, com 157 casos e 168

vítimas, e Rondônia: 102 casos e 147 assassinatos.

A partir de 2015, houve um “crescimento brusco” de mortes violentas, de trabalhadores rurais, indígenas, quilombos, posseiros, pescadores e assentados. O maior número de assassinatos ocorreu no Pará, 21, sendo 10 no chamado massacre de Pau d’Arco, ocorrido em 24 de maio, durante ação de reintegração de posse em uma fazenda. Em seguida, vem Rondônia [17] e Bahia [10].

Impossível registrar em um espaço de exposição a memória de todas as lideranças assassinadas na luta pela terra e em defesa do meio ambiente nas últimas décadas no Brasil. Ao homenagear essas 30 lideranças, dentre as milhares de vozes que tombaram em combate, expressamos nossa gratidão com os e as que partiram e renovamos nosso compromisso com a luta e com a resistência.

Fontes: CPT/CIMI/Xapuri Socioambiental



Ademir Alfeu Federicci (Dema) – Sindicalista.

Principal liderança na luta contra latifundiários, madeireiros e barragens na região de Altamira, Pará, Dema era um incansável lutador das causas sociais e da agricultura familiar. Foi assassi-

nado em Altamira, em 25/08/2001, quando liderava o movimento das organizações sociais da região contra o projeto das hidrelétricas de Belo Monte no Rio Xingu.



Ângelo Kretã Kaingang – Liderança Indígena

Foi o primeiro vereador indígena do sul do Brasil, eleito pelo extinto MDB de Manguierinha, PR. A defesa da terra levou Kretã e seu povo a uma guerra permanente contra os invasores, em

especial contra o grupo econômico Slaviero, que ocupava 8.975 hectares da área indígena Kaingang. Morreu em 29/01/1980, num acidente de carro mal esclarecido, com fortes suspeitas de emboscada, em Manguierinha.



Apoena Meireles – Indigenista e Sertanista

Filho do indigenista Francisco Meireles, nascido na Reserva Indígena Xavante Pimentel Barbosa, Mato Grosso, em 1949, foi assassinado em um suposto assalto a banco, em Porto Velho, Ron-

dônia, em 09/10/2004. Há suspeitas de que a morte de Meireles

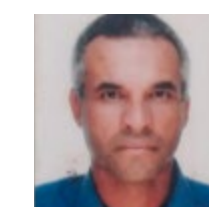
tenha sido encomendada, já que Apoena estava em Rondônia para informar ao povo indígena Cinta-Larga a decisão do governo federal de fechar o garimpo em suas terras, ricas em minerais como a cassiterita e o diamante.



Bartolomeu Moraes da Silva (Brasília) – Sindicalista.

Em 21/07/2002, a mando de grileiros, ele foi sequestrado, torturado e assassinado com 12 tiros na cabeça na cidade onde vivia, Caste-

lo dos Sonhos, a 700 quilômetros de Altamira, no sudoeste do Pará, por sua luta em defesa da floresta e contra os agrotóxicos. O que seria apenas mais um crime bárbaro no Estado acabou se transformando no primeiro caso na história do Pará em que um latifundiário foi condenado por ter ordenado a morte de um líder comunitário.



Carlos Antônio dos Santos (Carlão) – Liderança

Líder do Assentamento PDS Rio Jatobá, em Paranatinga, no Mato Grosso. Morto a tiros por homens em uma motocicleta, em frente à prefeitura da cidade, em 07/02/2018. Ele estava dentro

de um automóvel com a filha e a esposa, que chegou a ser atingida de raspão. Carlão já havia feito várias denúncias à polícia de que estava sendo ameaçado.



Clodiode Aquileu Rodrigues de Sousa – Liderança Indígena Guarani – Kaiowá

Assassinado aos 23 anos de idade com pelo menos dois tiros no dia 14/06/2016, próximo ao município de Caarapó, no MS. Os Kaiowá ocuparam a reserva Tey'ikue, onde fica a fazenda Yvu, para reivindicar suas terras ancestrais, identificadas e delimitadas em estudo publicado pela Fundação Nacional do Índio (Funai), quando foram cercados por 70 fazendeiros encapuzados e armados que abriram fogo com munições letais.



Dorcelina Folador – Líder popular, militante do MST, prefeita de Mundo Novo, MS.

Primeira prefeita portadora de deficiência física, foi assassinada na varanda de sua casa com seis tiros nas costas, em 30/10/1999, aos 34 anos, a mando do Secretário Municipal de Agricultura. Eleita em 1996 para a Prefeitura de Mundo Novo pelo PT, destacou-se por implementar programas como o Orçamento Participativo e o Bolsa-Escola. A gestão de Dorcelina desagradou parte dos quadros políticos da região, acostumados com outro modelo de gestão pública.



Dorothy Mae Stang – Militante dos direitos socioambientais.

Irmã Dorothy nasceu nos Estados Unidos, tinha 73 anos, vivia na Amazônia desde os anos 1970. Era naturalizada brasileira e foi assassinada em Anapu, nas margens da Transamazônica, no Pará. Dorothy pressionou pela criação da reserva Esperança, projeto do Incra, onde foi emboscada e assassinada por pistoleiros, em 12/02/2005.



Francisca das Chagas Silva – Líder quilombola do povoado de Santa Maria, em Miranda do Norte, MA.

Era dirigente do Sindicato dos Trabalhadores

Rurais de Miranda do Norte. Uma das grandes lideranças da luta pela terra na região, Francisca foi assassinada em 01/02/2016, com requintes de crueldade. Seu corpo foi encontrado nu, no meio da lama. Apresentava vários sinais de violência sexual, estrangulamento e perfurações.



Helenira Resende de Souza Nazareth – Líder da resistência contra a ditadura.

Foi assassinada em 29/09/1972, aos 28 anos, durante uma emboscada na Guerrilha do Araguaia, onde ajudou na organização da luta armada rural

contra o regime militar. Ângelo Arroyo, relata no “Relatório Arroyo” os últimos momentos da vida de Helenira: “Quando viu, os soldados já estavam diante dela. Helenira atirou com uma espingarda 16. Matou um. O outro soldado deu uma rajada de metralhadora que a atingiu. Ferida, sacou o revólver e atirou no soldado, que deve ter sido atingido. Foi presa e torturada até a morte”. Chico Mendes a admirava muito. Em sua homenagem deu a uma de suas duas filhas o nome de Helenira.



João Carlos Batista – Advogado, deputado estadual constituinte.

Um dos deputados que mais lutava pelos direitos dos trabalhadores rurais na década de 1980. Na tarde de 06/12/1988, o deputado João Batista denunciou sua própria morte na tribuna da Assembleia Legislativa do Pará [Alepa]. Ele já havia sofrido três tentativas de homicídio. Três horas depois, às sete da noite, o deputado foi surpreendido por um pistoleiro quando entrava na garagem do prédio em que morava, no centro de Belém. O tiro à queima-roupa o matou na hora. João Batista tinha 36 anos. O caso do único parlamentar assassinado no Brasil, em pleno exercício do mandato, após o fim da ditadura, continua impune até hoje.



José Porfírio – Líder camponês, integrante da Revolta Camponesa de Trombas e Formoso, década de 1950, Uruaçu, Goiás.

Com o Golpe Civil-Militar de 1964, teve que entrar na clandestinidade. Após denúncias de fazendeiros, foi capturado e torturado. Ao ser liberado, teve um encontro com sua advogada e, logo em seguida, em 07/06/1973, foi visto pela última vez na rodoviária de Brasília. Até hoje sua família luta para resgatar seus restos mortais.



Josimo Moraes Tavares – Coordenador da Comissão Pastoral da Terra – CPT no Bico do Papagaio.

Assassinado covardemente no dia 10/05/1986 por dois disparos com uma pistola de calibre 7,65, enquanto subia as escadas do prédio da Mitra Diocesana de Imperatriz, MA, onde funcionava o escritório da CPT Araguaia-Imperatriz. Ainda teve forças para entrar no hospital andando, mas não resistiu. Profundamente ameaçado, Josimo havia sofrido vários atentados antes por defender os pobres lavradores indefesos da região. Em 15/04/1986 seu jeep Toyota foi alvejado por cinco disparos. Em 27/04/1986, Josimo anunciou sua própria morte em discurso proferido na Assembleia Diocesana de Tocantinópolis, TO.



Kátia Martins – Trabalhadora rural.

Foi executada com cinco tiros numa embosca em sua própria casa, localizada no Assentamento “1º de janeiro”, quase na divisa dos municípios de Castanhal e São Domingos do Capim, no nordeste paraense, na noite do dia 04/05/2017. Kátia era presidenta da Associação de Agricultores Familiares do assentamento e foi assassinada por volta das 20 horas na frente do neto de apenas oito anos. Os dois covardes assassinos surgiram de moto no momento em que ela chegava em casa após uma reunião. De acordo com testemunhas, Kátia pediu para que o neto fosse poupado.



Maninha Xucuru-Kariri – Líder Indígena.

Etelvina Santana da Silva foi a primeira mulher a dirigir a Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo [Apoime]. Levou a pauta feminista e as questões da mulher para o debate indígena no Nordeste. Desde a Terra Indígena Xucuru-Kariri, em Palmeira dos Índios [AL], liderou a luta pela terra junto ao seu povo e ajudou a construir as retomadas de Terras Indígenas por todo o Nordeste. Faleceu em 11/11/2006, em Palmeiras dos Índios, por desassistência médica.



Marçal Guarani Tupã-Y (pequeno Deus) – Líder indígena Guarani da região de Dourados, MS.

Por fazer denúncias contra a exploração das terras indígenas, exploração ilegal de madeira e a escravização de indígenas, Marçal foi perseguido e ameaçado diversas vezes. Em 25/11/1983, Marçal foi vítima de uma emboscada, levou cinco tiros e faleceu no município de Antônio João, MS. Meses antes de sua morte, Marçal proferiu uma frase que ficou marcada: “... Sou uma pessoa marcada para morrer, mas por uma causa justa a gente morre.”



Márcio Matos de Oliveira (Marcinho, Márcio do MST) – Líder do MST.

Aos 21 anos, foi eleito o mais jovem integrante da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra [MST]. Diretor estadual do MST na Bahia e integrante do Partido dos Trabalhadores [PT]. Foi morto com três tiros, na frente de seu filho de 6 anos, na noite do dia 24/01/2018, na propriedade rural em que ele morava, no Assentamento Boa Sorte, situado no município de Iramaia, na Chapada Diamantina, sudoeste da Bahia.



Margarida Maria Alves – Sindicalista, defensora dos direitos humanos.

Foi uma das primeiras mulheres a exercer um cargo de direção sindical no país. Foi assassinada em sua cidade natal de Alagoa Grande, na Paraíba, em 12/08/1983, a mando de grandes latifundiários porque lutava em defesa dos direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais. Sua história de luta inspirou a Marcha das Margaridas, organizada pela Contag desde o ano 2000. Ante as ameaças cotidianas que sofria, costumava dizer: “É melhor morrer na luta do que morrer de fome.”



Maria do Espírito Santo e José Cláudio da Silva – Lideranças extrativistas.

O casal foi executado na cidade de Nova Ipixuna, no sudeste do Pará, em 24/05/2011. Eles saíram do Projeto de Assentamento Agroextrativista Praia Alta Piranheira, no município de Nova Ipixuna e foram cercados e executados por pistoleiros em uma ponte. Maria e José Cláudio estavam entre os principais defensores da preservação da floresta amazônica após a morte de Chico Mendes e constantemente faziam denúncias sobre o avanço ilegal na área de preservação onde trabalhavam por madeireiros para extração de espécies como castanheira, angelim e jatobá.



Maria Trindade da Silva Costa – Defensora dos direitos dos quilombolas

Moradora da Comunidade Quilombola Santana do Baixo Jambuaçu, município de Moju, Pará. Desapareceu em 23/06/2017 e seu corpo foi encontrado por familiares no dia 25/07. A imprensa local não relaciona o crime a conflitos agrários. Agentes da CPT Pará discordam.



Nazildo dos Santos Brito – Líder da Comunidade de Remanescentes de Quilombo Turê III, Pará

,Foi morto a tiros na estrada para a comunidade, localizada entre os municípios de Tomé-Açu e Acará, no Pará, quando voltava para casa, em 15/04/2018. Ele era ameaçado de morte por denunciar crimes ambientais da Biopalma da Amazônia S/A, subsidiária da Vale.



Nilce de Souza Magalhães (Nicinha) – Líder comunitária e membro do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB) em Rondônia.

Pescadora, Nilce era conhecida por sua militância contra as violações atribuídas à construção da usina hidrelétrica de Jirau. Ela desapareceu em 07/01/2016. Cinco meses depois, em meados de junho, seu corpo foi encontrado com as mãos e pés amarrados e preso a pedras no fundo do lago da barragem da usina, a apenas 400 metros de distância do acampamento de pescadores onde morava, em Mutum. As duas filhas de Nilce reconheceram o relógio e as roupas da mãe.



Onalício Araújo Barros (Fusquinha) – Líder do MST no Assentamento Palmares, em Parauapebas, PA

Assassinado com tiros à queima-roupa, em 26/03/1998, durante o despejo de ocupação da Fazenda Goiás 2, no município de Parauapebas. No mesmo ataque também foi assassinado Valentim da Silva Serra, o Doutor, dirigente da Associação de Produção e Comercialização dos Trabalhadores Rurais do Assentamento Palmares – Aprocar. O crime ocorreu dois anos após o massacre de Eldorado de Carajás – chacina que tirou a vida de 21 trabalhadores rurais sem-terra em 1996, também no sudeste paraense.



Paulo Fontelles – Advogado, político e sindicalista.

Nascido em Belém, PA, em 11/02/1949. Assassinado em Marabá, PA, em 11/06/1987, na Fazenda Bamerindus, por pistoleiros enviados pela UDR. Era chamado de advogado-do-mato, por seu trabalho junto aos camponeses no estado do Pará. Tornou-se o advogado dos camponeses durante a ditadura brasileira. Foi deputado estadual. Durante seu mandato, pautou o problema da terra no sul do Pará. Sempre esteve nas listas de “marcados para morrer”, no Pará.



Paulo Sérgio Almeida Nascimento – Líder da Associação dos Caboclos, Indígenas e Quilombolas da Amazônia (Cainquiama), Barcarena, no Pará.

Foi alvejado por disparos do lado de fora de sua casa no Ramal Fazendinha, zona rural do município, em 12/03/2018. Paulo Sérgio era uma liderança envolvida nos protestos contra crimes ambientais das mineradoras e conflitos fundiários na região. Uma das últimas denúncias foi contra a refinaria Hydro Alunorte, que é investigada por acusação de poluir mananciais com materiais químicos na região.



Roseli Celeste Nunes da Silva (Rose) – Líder Camponesa.

Grávida de seu terceiro filho, participou da ocupação da Fazenda Anoni, no RS, em 1985. Marcos Tiarajú, a primeira criança a nascer no acampamento da fazenda, em 28/10/1985, recebeu este nome em homenagem ao líder indígena Tiarajú, que séculos antes já dizia que aquela terra tinha dono. Em 31/03/1987, Roseli e outros três trabalhadores foram mortos atropelados por um caminhão que avançou sobre uma manifestação de 5.000 trabalhadores rurais em Sarandi, no Rio Grande do Sul. Outros 14 ficaram feridos.



Simeão Vilhalva Cristiano Navarro – Líder indígena do Mato Grosso do Sul.

O assassinato aconteceu durante uma reocupação de terras indígenas por parte dos Guarani-Kaiowá, em 01/09/2015. Uma comitiva de fazendeiros se dirigiu à região e atacou os indígenas. Simeão foi atingido com um tiro na cabeça quando estava às margens de um córrego procurando pelo filho.



Valdenir Juventino Izidoro (Lobó) – Líder rural.

Líder do grupo sem-terra que ocupava as imediações da Fazenda Triangulo (Trianon) em Rondominas, distrito de Ouro Preto do Oeste, Rondônia. Lobó foi morto de maneira traiçoeira, com um único tiro à queima-roupa, pelas costas, quando saía do banheiro no acampamento que mantinha ao lado da Fazenda Trianon, no dia 05/06/2017.



Waldomiro Costa Pereira – Servidor público e líder do MST.

Foi morto dentro do Hospital Geral de Parauapebas, no Pará, no dia 20/03/2017. Cinco homens armados renderam os seguranças e foram até a UTI, onde ele estava internado após ser atacado em seu sítio, em Eldorado dos Carajás.



Wilson Pinheiro – Sindicalista.

Nascido em Careiro, Amazonas, trabalhou como lixeiro em Manaus, antes de chegar ao Acre, onde tornou-se seringueiro, casou, teve oito filhos, fincou raízes no Seringal Sacado, na região de Brasileia, onde há estava há 20 anos quando chegaram os fazendeiros. Estava no segundo mandato como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Brasileia, fronteira com a Bolívia, quando foi emboscado e assassinado com três disparos, às 20h30 no dia 21/07/1980.

O SONHO QUE CRESCE NO CHÃO DA FLORESTA

Não frequentas mais,
de corpo comovido,
os espaços do mundo.
A medida do tempo não te alcança.
Já ganhaste a dimensão do sonho,
és luzeiro da esperança.

Trinta anos são só um sinal
Que a memória nos serve
para dizer que te amamos,
Irmão dos mananciais.

Chegado foste ao mundo,
De coração já acreano
-- a frente estrelada,
O peito caudaloso --,
para que te cumprisses
na construção do triunfo
do que no homem é grandeza,
é orvalho e lúcida bondade.

Atendias e atendes altivos chamados:
a floresta e os seus povos
e, deixa que eu te diga,
o povo geral do mundo,
precisava e precisam
constantes da esperança

com que semeavas e semeias
o poder da descoberta
de que o amor é possível.

Os inimigos da vida,
com medo da aurora,
ceifaram ferozes
o teu caminho escrito
por indelévels letras.
Só porque tiveste
O dom de sonhar,
Como convém e é bom,
com os pés fincados
na verde verdade do chão
de cada dia.

Doidos por te dar sumiço
cuidavam que podiam
amordaçar a fé
no reinado da justiça
e converter em moeda
o esplendor da primavera.

Nem pressentir podiam
que és da estirpe de seres
destinados a durar
No caminho dos homens.

Agora inabalável,
Prescindes do corpo
Para prosseguir plantando
e repartindo sementes.

Perduras e és conosco.
Nos levas, te levamos.
Eis que a vida do homem
é o que ele faz e fala,
escreve e canta: Vives:
dás fundamento ao por vir.

A tua própria morte
nos alcança a fundura
mais azul do peito
com um brado companheiro,
que nos chama, nos clama,
é chama que nos chama
para amassar o barro,
preparar a pizzarra
aparelhar os esteios
de massaranduba,
Itaúba, pau d'arco
e, pacientes, construir
as esplêndidas cidades.

Com a mão da sagrada ira

escreves os algarismos sinistros
dos hectares de esmeraldas
devorados pela hedionda lâmina
de gás, fogo e ingratidão.
E logo nos atravessas
a espessura das cinzas
desviando os apelos
das veredas injustas.

Por isso te canto, irmão.
Tu nos fazes capazes
[o ferrão da fera dói]
de cuidar do chão e do céu
deste reino da claridão
nosso berço e morada,
que nela e dela vivemos.

Avançamos pelas sendas
que ajudaste a abrir
e para que não nos percamos,
cuidadosos dos atalhos,
deixaste os candeeiros
da perseverança acesos
nos troncos das seringueiras,
nas sacopemas das sumaumeiras,
nas palmas das inajazeiras,
nas folhas das imbaúbas
que guardam o segredo do sol
e até nas favas morenas
da acapurana menina
tua companheira de empate.

É preciso dizer que às vezes
nos morde a sombra do desânimo
e nos estremece a fúria

dos terçados da opulência
que não dorme e é cheia de olhos.
É quando os pássaros da floresta
nos acodem confiantes
[as corujas prolongam
as suas despedidas das estrelas]
cantando as sílabas alegres
do teu nome de menino.

Vêm no meu canto o rumor
dos remos dos pescadores
a alegria da palmeira
abraçada pelo vento;
o papagaio banda-de-asa
dos meninos da várzea,
barrigudinhos, magrelos,
mas que já estão na escola
[às vezes dormem com fome,
Viva o chibé de erva-cidreira].

Trago o grito ensandecido
dos pássaros de asas queimadas
pelas brasas dos desumanos;
o suor contente das quebradeiras de coco,
das fazedoras de farinha d'água
das amassadoras de açaí.

E termino este aceno de mão agradecida
com o abraço das crianças amazônicas
que ainda vão nascer, abençoadas
pelo majestoso arco-íris de amor.
pelo majestoso arco-íris do amor
que se segue, úmido de seiva,
das terras firmes do alto-Xapuri
com as cores de todas as raças humanas.

Thiago de Mello

Barreirinhas, Amazonas

Primavera de 2008

VOZES DA LUTA



Abrahim Farhat (Lhé, Brachula) – Empresário, defensor da causa palestina, militante das causas populares. Sempre apoiou Chico Mendes, tanto no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri (STR), quanto como candidato nas várias eleições que o Chico disputou pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Foi o Lhé quem transmitiu à representação Palestina a recusa de Chico Mendes a um convite do Governo de Israel para conhecer o Estado Judeu, alegando que não o faria em solidariedade ao povo palestino. Chico ganhou um “shemag”, lenço típico palestino, em agradecimento por sua solidariedade. Lhé recebeu o presente e o entregou a Chico Mendes.



Adrian Cowell e Vicente Rios – Cineastas. Produtores dos documentários “Chico Mendes: Eu quero viver!” e “O Sonho de Chico Mendes”, registros fundamentais para que pessoas de todo o mundo conhecessem a imagem, as ideias e a luta de Chico Mendes no coração da Amazônia.



Ailton Krenak – Líder Indígena. Presidente da União das Nações Indígenas (UNI) quando Chico era presidente do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS). Juntos, eles criaram a Aliança dos Povos da Floresta, marco fundamental para a união das luta dos povos indígenas e extrativistas na Amazônia, e para o fortalecimento do movimento socioambiental entre seus aliados na floresta e fora dela.



Antonio Macêdo – Indigenista, seringueiro, líder comunitário. Macêdo envolveu-se “de corpo e alma” com a organização do CNS no vale do Juruá, no Acre. Seu conhecimento da região e sua ligação com as populações tradicionais foram importantes, também, na articulação da Aliança dos Povos da Floresta.



Anthony Gross – Antropólogo inglês. Esteve presente e atuante durante os empates em Xapuri e muito contribuiu para que a luta dos seringueiros do Acre ganhasse visibilidade e voz na arena internacional.



Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Geógrafo. Ariovaldo, professor na USP, apoiou Chico Mendes na busca de aliados para a proposta das Reservas Extrativistas e para a organização do CNS. Teve um papel muito importante ao abrir espaços nas Universidades para que Chico Mendes divulgasse suas ideias de desenvolvimento sustentável a partir de populações tradicionais da Amazônia.



Carlos Walter Porto Gonçalves – Geógrafo. Carlos Walter, é professor na UFF, foi um dos grandes organizadores de palestras de Chico Mendes no Rio de Janeiro, para falar sobre os seringueiros, a Amazônia e a proposta das Reservas Extrativistas. Abriu espaços importantes nas Universidades para que Chico Mendes divulgasse a luta dos povos tradicionais da floresta, bem como ideias sobre desenvolvimento sustentável.



Binho Marques – Ex-secretário de Educação e ex-governador do Acre. Conheceu Chico Mendes quando era estudante de História na Universidade Federal do Acre (UFAC). Participou da equipe de educação do Projeto Seringueiro, voltado, inicialmente, para a alfabetização de adultos, e depois para a implantação de escolas para os filhos dos seringueiros em Xapuri. Binho foi um dos coordenadores do processo de formação de professores originários das próprias comunidades, sendo que hoje praticamente todo estão licenciados pela UFAC.



Cecília Mendes – Tia de Chico Mendes, matriarca da família Mendes no Seringal Cachoeira. Uma gigante na luta. Com seu sorriso doce, seu abraço sempre carinhoso, tinha uma enorme capacidade de juntar e unir as pessoas. Sua casa foi sede do “acampamento” no empate contra a entrada de Darli Alves no Seringal Cachoeira por cerca de 40 dias. Depois do assassinato de Chico Mendes, tornou-se referência para contar as histórias das dificuldades enfrentadas pelos moradores da floresta e o sofrimento da exploração pelos patrões.



Dom Moacyr Grecchi – Bispo da Prelazia de Rio Branco. Com sua enorme autoridade moral, foi a única autoridade de fato e de direito a apoiar a luta de Chico Mendes e dos seringueiros. É importante dizer que essa solidariedade e apoio se estendeu a todo o movimento social no Acre, que só prosperou depois que ele chegou e com sua liderança fortaleceu sobremaneira as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).



Elson Martins – Jornalista. Como editor do jornal acreano “O Varadouro” e correspondente de “O Estado de São Paulo”, noticiou os conflitos pela terra no Acre e contribuiu para Chico ter espaço na mídia local e nacional.



Gumercindo Rodrigues (Guma) – Advogado. Trabalhou diretamente com Chico Mendes de janeiro de 1986 até o dia do seu assassinato, e com ele até minutos antes do tiro fatal. Nas suas andanças, levava para as comunidades as informações de todo o trabalho que Chico Mendes vinha desenvolvendo para a implantação das Reservas Extrativistas. Guma participou ativamente de vários empates, antes e depois do assassinato de Chico Mendes.



Jorge Viana – Engenheiro florestal, Senador do Acre. Conviveu e adotou para sempre os ideais de Chico Mendes. Ao se juntar à luta dos povos da floresta, contribuiu tecnicamente com o movimento dos seringueiros, e transformou ideias e sonhos de Chico Mendes em programas de governo no período que foi governador do Estado do Acre (1999 a 2006) e depois como senador da República.

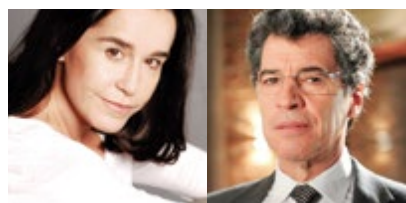


Júlia Feitoza – Sindicalista, fundadora do Partido dos Trabalhadores, foi presidente do Centro dos Trabalhadores da Amazônia, do Comitê Chico Mendes e Secretária de Políticas Sociais da CUT. Militante incansável, era tida por Chico Mendes como uma amiga solidária, que se encarregava da logística do movimento dos seringueiros, inclusive de empates e manifestações públicas.



Leide Aquino e Júlio Barbosa – Casal de seringueiros, amigos muito próximos de Chico Mendes. Leide foi uma militante fundamental na organização das

mulheres no STR de Xapuri desde o início, inclusive nos empates. Júlio Barbosa era o secretário-geral e, por não existir a figura do vice-presidente, assumiu a presidência do Sindicato quando Chico Mendes foi assassinado.



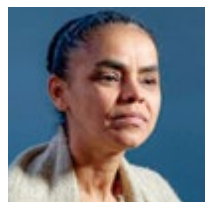
Lucélia Santos e Paulo Betti – Lucélia, atriz e militante ambientalista, tornou-se amiga de Chico Mendes. Quando se agravaram as ameaças ao líder seringueiro,

mobilizou apoios e exigiu providências das autoridades brasileiras. Paulo Betti, também ator, esteve presente no Encontro dos Povos da Floresta, realizado no Acre em 1989, e foi importante em emprestar sua voz na defesa das ideias de conservação através das populações tradicionais da floresta.



Luiz Inácio Lula da Silva – Líder sindical, o primeiro operário presidente do Brasil. Esteve no Acre várias vezes, em apoio às campanhas eleitorais de Chico Mendes pelo PT e nos vários momentos críticos das lutas dos seringueiros, inclusive no

enterro de Chico Mendes. É autor da frase “Chico Mendes Herói do Brasil”, que dá nome à exposição produzida por Zezé Weiss, da Xapuri Socioambiental para celebrar a memória de Chico Mendes nos 30 anos de sua ausência física dos espaços deste mundo.



Marina Silva – Ex-senadora da República, ex-ministra do Meio Ambiente. Filha de seringueiros da região de Xapuri, conheceu Chico Mendes ainda menina, quando tinha 17 anos, e desde então

foram companheiros nas muitas lutas que acabaram por mudar a trajetória de sua vida, contribuindo para que ela se transformasse, anos depois, em uma das maiores vozes nacionais na defesa da Amazônia e dos povos da floresta no Brasil e no mundo inteiro.



Mary Allegretti – Antropóloga. Conheceu Chico Mendes, se encantou com seus propósitos, abraçou a causa, largou sua universidade no Paraná, veio para o Acre e ajudou a criar o Projeto Seringueiro, o projeto de educação que marcou a história do movimento social acreano. Enquanto Chico Mendes viveu,

foi sua parceira na transformação de seus sonhos em projetos. Depois da morte de Chico, seguiu e segue lutando para que os ideais e propostas se transformassem em políticas públicas.



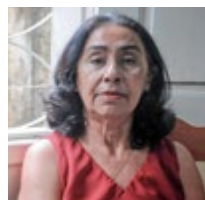
Mauro Almeida – Antropólogo. Nascido em Rio Branco, mas que cresceu na região do Juruá, tornou-se professor universitário na UNICAMP e foi, junto com Macedo, ativo colaborador na estruturação do CNS no Juruá, bem como na formatação

da proposta das Reservas Extrativistas.



Osmarino Amâncio – conheceu Chico Mendes através das Comunidades Eclesiais de Base, viveu junto com ele a realidade de expulsão dos seringueiros das suas colocações e em virtude do desmatamento, tomaram rumos diferentes, um

para Brasília e o outro para Xapuri, mas defendendo a mesma causa, fazendo parte do mesmo movimento.



Raimunda Bezerra – Defensora e militante da causa dos Direitos Humanos. Raimunda foi, sobretudo, uma amiga e protetora de Chico Mendes. Em Rio Branco, sua casa era a casa de Chico e ali ele recebia solidariedade, conforto e carinho que

eram extensão da sua vida familiar.



Raimundo Mendes de Barros – Primo e amigo muito próximo de Chico, Raimundão ajudou a organizar a luta dos seringueiros e os atos de resistência que ficariam conhecidos como ‘empates’.

Também ajudou na alfabetização de adultos e jovens na floresta, através do Projeto Seringueiro e foi o tesoureiro na primeira diretoria do Conselho Nacional de Seringueiros, hoje Conselho Nacional das Populações Extrativistas.



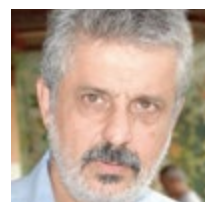
Raimundo Monteiro de Moraes – Sindicalista. Chico Mendes sempre fez questão de dizer que Raimundo Monteiro foi seu melhor amigo, o único com quem o seu pai o deixava ir a festas na juventude. Monteiro continua sendo um sindicalista

atuante, delegado sindical por quase toda a vida, desde a fundação do STR de Xapuri. Monteiro, músico nato, registra que gostava muito quando Chico Mendes, que era um dos poucos que sabia ler no seringal, sentava-se aos domingos para, frente a uma roda de seringueiros, ler literatura de cordel.



Sabá Marinho – Seringueiro. Atuante liderança na região do Seringal Nazaré, em Xapuri, foi companheiro de Chico Mendes e teve importante participação nos empates contra o Grupo Bordon, quando teve um filho baleado. Sua “colocação”,

Nova Vida, fica, hoje, na Reserva Extrativista Chico Mendes.



Sebastião Neto – Metalúrgico. Ajudou Chico Mendes a introduzir a causa socioambiental na pauta do sindicalismo brasileiro, inclusive com a proposta de uma reforma agrária diferenciada para a Amazônia, embrião das reservas extrati-

vistas. Na morte de Chico, veio imediatamente para Xapuri e participou da fundação do Comitê Chico Mendes, nos dias seguintes à tragédia.



Siã Kaxinawá – Líder indígena, cineasta. Filho de uma família de grande liderança indígena, foi aluno na escola de Chico Mendes - Projeto Seringueiro - ficaram muito amigos, participaram juntos de empates, e mais adiante, participou da

criação das primeiras entidades indígenas da Amazônia.



Steve Schwartzman e Barbara Bramble – Ambientalistas. Steve, do Fundo de Defesa Ambiental (EDF), trabalhou com as comunidades extrativistas da Amazônia

e foi um dos principais responsáveis pela articulação que garantiu a Chico Mendes o prêmio Global 500 da ONU. Barbara Bramble, da National Wildlife Federation (NWF), visitou Chico Mendes em Xapuri e muito contribuiu para a divulgação da proposta das Reservas Extrativistas no exterior.



Terri Aquino – Antropólogo. Reorganizou o mapa do Acre de acordo com a presença dos povos indígenas, o que serviu de referência aos trabalhadores rurais liderados por Chico Mendes e Wilson Pinheiro na resistência à pecuária extensiva. Seu

trabalho iniciado há quase 40 anos foi decisivo para a demarcação de mais de 30 terras indígenas, hoje em graus variados de reconhecimento e regularização.



Toinho Alves – Como jornalista, escritor e pensador que tem como marca a criatividade e o questionamento, seu trabalho foi decisivo para formação das ideias que balizaram as lutas populares no Acre, a partir do final dos anos 70, especial-

mente a luta em defesa da floresta liderada por Chico Mendes. É dele a criação do conceito de Florestania, conjunto de ideias e sentimentos que movem as mudanças em construção no Acre de hoje.



MILHÕES DE HECTARES DE TERRITÓRIOS PROTEGIDOS

Muito antes das teses modernas de desenvolvimento sustentável, Chico Mendes já defendia a premissa, hoje confirmada, de que uma floresta em pé vale muito mais do que uma área desmatada. Com o tempo, comprovou-se que o desmatamento avança mais lentamente onde existem comunidades indígenas ou extrativistas, e o Estado brasileiro reconheceu o determinante papel socioambiental desempenhado pelos povos da floresta na proteção da Amazônia e dos demais biomas brasileiros. Totalizando 96 unidades de conservação, as Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável, federais e estaduais cobrem uma área de 25.138.036 hectares, o que corresponde a cerca de 5% da Amazônia brasileira. E, considerando-se as 50 unidades Florestas Nacionais e Estaduais, onde também vive um grande número de comunidades tradicionais, são mais 29 milhões de hectares de áreas protegidas, representando outros 5,8% da Amazônia brasileira.

UM LEGADO AMEAÇADO

Quando mataram Chico Mendes, a grande mídia brasileira tratou do caso como mais uma liderança morta na região, algo normal, costumeiro. Mas, Chico já era uma personalidade mundial, premiado até pela ONU pela sua luta pacífica em defesa da vida na floresta e da própria Amazônia. O assunto reverberou mundo afora

Já era grande o seu legado. A mudança nas relações de trabalho na mata, que era no sistema do baracão, de semiescravidão, a educação desses trabalhadores, o atendimento de saúde, são muitos seus feitos. O maior, porém, talvez seja mesmo o da ocupação territorial, da “reforma agrária” inovadora por ele proposta e adotada pelo Estado brasileiro.

São as reservas extrativistas, num formato já então adotado nas áreas indígenas, em que o morador ganha o direito de usufruto, mas a terra continua de posse da União. Saía fora a figura do fazendeiro, o coronel, que se dizia dono de áreas que não eram dele e explorava o trabalho alheio, subjugando os povos da floresta.

No entanto, a ganância de ruralistas já chegou ao Acre. Os sertões da mesma Xapuri de Chico Mendes estão virando área de plantio de grãos de exportação, que espalham transgênicos e agrotóxicos, após a retirada da madeira, sem a mínima consciência daquilo que hoje chamamos de desenvolvimento sustentável.



Se na década de 1970 os incentivos fiscais do regime militar levaram o boi pra região, agora é a vez da soja mecanizada, que expulsa o homem do campo. E o surto de estradas “do nada a lugar nenhum”, no dizer da época, como a Transamazônica, também se repete, em completa dissonância com a realidade local, que é movida pela via das águas.

Os atuais mandatários do país estão diminuindo o tamanho ou mesmo desfazendo algumas áreas de proteção de grande importância. São os casos da Floresta Nacional do Jamanxim, ao longo da BR-163 [Cuiabá-Santarém], no Sul do Pará, e da Reserva Nacional de Cobre e Associados [Renca], na margem Norte do rio Amazonas, entre o Pará e o Amapá.

Em 2015, o Brasil incluiu Chico Mendes na lista de heróis da Pátria brasileira. Assim, no aniversário de sua morte, o governo pós-golpe joga no lixo seu legado, sem dó nem piedade.

RESERVAS EXTRATIVISTAS DO BRASIL

66 RESERVAS EXTRATIVISTAS FEDERAIS 13,5 MILHÕES DE HECTARES

As Reservas Extrativistas (Resex) são dos grandes legados de Chico Mendes e dos povos da floresta para o Brasil e para o mundo. O modelo foi inspirado nas reservas indígenas, onde as terras são da União e o usufruto das comunidades. A proposta foi apresentada por Chico Mendes como uma espécie de Reforma Agrária para a Amazônia durante o I Encontro Nacional dos Seringueiros, realizado na Universidade de Brasília, em outubro de 1985.

As quatro primeiras Reservas Extrativistas, protegendo um total de 2,2 milhões de hectares só foram criadas em 1990, por meio de um Decreto do então presidente da República, José Sarney. São elas: Resex Chico Mendes e Resex Alto Juruá, no Acre; Resex do Rio Ouro Preto, em Rondônia; Resex do Rio Cajari, no Amapá.

Em 2000, as Resex passaram a integrar o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), que também criou as Reservas de Desenvolvimento Sustentável (RDS). O SNUC define Reserva Extrativista como uma área utilizada por populações locais,

cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade. Hoje, na Amazônia as Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável, federais e estaduais, totalizam 92 unidades, cobrem uma área de 24.925.910 hectares, representando 4,8% da Amazônia Legal, 19% das UCs da Amazônia e 8% das florestas da região, beneficiando 1.500.000 pessoas.

Contabilizando as áreas sob gestão compartilhada entre comunidades tradicionais e poder público, no formato de unidades de conservação de uso sustentável, tem-se hoje, na Amazônia, um total de 53 Resex, 19 RDS e 179 PAEs, federais e estaduais, que ocupam uma área de aproximadamente 35 milhões de hectares, representando cerca de 7% da Amazônia Legal.

Fonte: Memorial Chico Mendes





ESPAÇO EDUCADOR CHICO MENDES

O Espaço Chico Mendes é um complexo ecológico de 1.400 m², edificado sob a responsabilidade do arquiteto Sérgio Pamplona, com técnicas sustentáveis de construção, que incluem a substituição do tijolo e do cimento pelo “superadobe” produzido com sacos de rafia e a terra retirada da própria obra, além do uso das paredes de “taipa”, levantadas segundo o mesmo processo empregado na edificação da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em

Pirenópolis-GO, no século XIX. Composto por quatro blocos – o Conjunto principal (salão para cursos e exposições, administração, biblioteca, refeitório e cozinha; a OCA [espaço para cursos e atividades mais próximas ao ambiente natural]; o prédio multiuso, com salas para quatro atividades simultâneas; e os banheiros compostáveis. Essa será a casa permanente da exposição “Chico Mendes Herói do Brasil” em Brasília.



CHÁCARA DO PROFESSOR

Voltada para a formação de professores e para a educação ambiental dos e das estudantes da rede pública de ensino do Distrito Federal, a Chácara do Professor, casa do Espaço Educador Chico Mendes e da exposição “Chico Mendes Herói do Brasil”, a Chácara do Professor conta com um espaço dedicado à formação de uma agrofloresta, e com equipamentos de lazer, como piscinas e churrasqueiras.



“OS SERINGUEIROS, OS ÍNDIOS, OS RIBEIRINHOS HÁ MAIS DE 100 ANOS OCUPAM A FLORESTA. NUNCA A AMEAÇARAM. QUEM A AMEAÇA SÃO OS PROJETOS AGROPECUÁRIOS, OS GRANDES MADEIREIROS E AS HIDRELÉTRICAS COM SUAS INUNDAÇÕES CRIMINOSAS.”



CHICO MENDES HERÓI DO BRASIL

Exposição Multimídia

REALIZAÇÃO

Sindicato dos Professores do Distrito Federal –
Sinpro/DF
Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras
Rurais de Xapuri/Acre

PARCERIAS

Conselho Nacional das Populações Extrativistas –
CNS
Memorial Chico Mendes
Museu Nacional da República

PRODUÇÃO

Xapuri Socioambiental

CURADORIA

Dolores Nieto
Zezé Weiss

PESQUISA HISTÓRICA

Dolores Nieto, Eduardo Pereira, Elson Martins,
Gomercindo Rodrigues, Jaime Sautchuk, Júlia Feitoza
Dias, Karla Kristina Oliveira, Marcos Vinicius Neves,
Zezé Weiss

REDAÇÃO

Elson Martins, Gomercindo Rodrigues, Jaime
Sautchuk, Júlia Feitoza Dias, Marcos Vinicius Neves,
Zezé Weiss

REVISÃO

Angela Mendes, Clodoaldo Ramos Pontes,
Gomercindo Rodrigues, Lúcia Resende, Maria Helena
Schuster

MONTAGEM

Darci Seles, Denise Oliveira, Calleb Reis, Geovana
Vilas Boas, Janaina Faustino, Karla Kristina Oliveira,
Simone Nobre e Karla Kristina Martins

FOTOS

Comitê Chico Mendes, Conselho Nacional dos
Seringueiros (CNS), Instituto Chico Mendes para
a Conservação da Biodiversidade (ICMBio), João
Roberto Ripper, Fundação Elias Mansour, Agencia de
Notícias do Acre, Mary Allegretti, Mxdesign, Xapuri
Sócioambiental, Comissão Pastoral da Terra (CPT),
Memorial Chico Mendes.

1988-2018

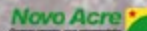
Projeto gráfico e Diagramação
MXdesign | mx@agenciamx.com





Secretaria de Cultura

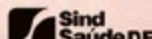
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL



JOSILMA SARAIVA

Ministério do Meio Ambiente

Governo Federal



Por meio de:

